



Guilherme Galassi e Alzira, a jiboia que já é da família

UM HOMEM E 60 COBRAS

O biólogo Guilherme Guidolin Galassi cria em sua própria casa serpentes de várias espécies. Além delas, ele mantém um aquário cheio de raias de água doce

texto e fotos LIANA JOHN

O BOSQUE DA SAÚDE TEM RUAS tranquilas e arborizadas, casas térreas e sobrados entremeados por um ou outro terreninho baldio. Todo trânsito pesado passa pela Avenida Nossa Senhora de Fátima. Ou quase todo. Pelo menos uma vez por semana, um caminhão de bombeiros quebra o silêncio da região (e alguns galhos de árvores). O destino é sempre o mesmo: a casa de Guilherme Guidolin Galassi. Os vizinhos até se adiantam à pergunta e indicam o portão alto no fim da rua de um quarteirão só, um pouquinho antes da esquina. Os bombeiros não estão ali para apagar incêndio nem socorrer ninguém. Eles querem ajuda. Precisam identificar uma serpente retirada de algum jardim ou saber o que fazer com outros bichos recolhidos pelos cantos da cidade de Americana, no interior de São Paulo.

Guilherme sempre atende de bom humor, com a mesma boa vontade com que rotineiramente ensina àqueles homens, em cursos práticos, as particularidades de serpentes peçonhentas, onde elas se escondem, como se camuflam na paisagem, qual o comportamento de cada espécie em situações de estresse, qual a melhor maneira de fazer a captura em segurança e os primeiros socorros, em caso de acidente. O biólogo conhece

bem o riscado. Só ali, nos fundos de casa, ele mantém cerca de 60 serpentes de diferentes espécies, a maioria aparentada das temidas jararacacas, cuja gama de apelidos é tão vasta quanto nosso desconhecimento sobre esses répteis: urutu, cruzeira, jararacuçu, caíçaca, jararaca-da-caatinga, cotiara, boca-de-sapo, jararaca-pintada, rabo-de-osso e assim por diante.

O quartinho do quintal ainda abriga exemplares de cascavel e uma surucucu originária da Mata Atlântica, também conhecida como pico-de-jaca ou surucucu-de-fogo. E não faltam as sem veneno: cobras-do-milharal (*corn snakes*) e as cobras-do-leite (*milk snake*), originárias dos Estados Unidos, uma píton-bola africana, as salamantas de Caatinga e de Cerrado e a jiboia Alzira, considerada membro da família há 12 anos. Como se não bastasse, Guilherme montou um aquário para acomodar sua nova paixão: raias de água doce!

Para assegurar o bom estado de saúde dos animais, ele precisa criar também os alimentos que comem. Ou seja, larvas de invertebrados, grilos, camundongo e ratazanas. O trato da bicharada não é complexo, mas

exige dedicação, além de paciência para manter um criadouro particular legalizado – hoje, no Brasil, é tarefa para profissionais com pós-graduação em papelada.

As serpentes moram em caixas grandes de plástico. Cada uma tem seu próprio espaço nas pilhas de caixas distribuídas por estantes, revestindo todas as paredes da edícula. Mesmo recém-nascidos têm seu cantinho particular. Uma vez por semana, Guilherme tira as caixas, alimenta as serpentes – uma a uma – e faz uma faxina.

A única que não sai de seus aposentos – com luminosidade, temperatura e umidade controladas – é a surucucu. Com ela, o cuidado é redobrado, pois é a maior serpente peçonhenta do continente americano (pode atingir mais de 3 m), dona de humor instável e veneno potente, cujo soro só se encontra no Instituto Butantan, em São Paulo, a 130 km dali.

Em seus muitos anos de cuidador de serpentes, Guilherme “só” foi picado duas vezes. No primeiro acidente – com uma caíçaca, em Rio Claro –, foram oito ampolas de soro e a vida ficou por um fio, mas o saldo final se restringiu à perda



A cobra-do-milho (*corn snake*), que vive no serpentário montado em um quarto de sua casa. Ao lado, o biólogo limpa uma das caixas dispostas nas prateleiras da edícula



A raia de água doce no aquário que Guilherme tem em casa. Acima, macaco-prego, que vive no zoo de Americana

dos movimentos do dedo atingido, cujas articulações se fundiram com o veneno. O segundo ocorreu em casa: na hora de fechar a tampa de uma caixa, a jararaca foi mais rápida e cravou os dentes em sua mão.

“Fui andando para o hospital, que fica a apenas algumas quadras. No meio do caminho, liguei para minha namorada, Thaís Jorge, para avisar que tinha tomado uma picada de jararaca, mas estava bem. Ela estava indo para Franca, onde mora, tinha acabado de pegar o ônibus e entrou em pânico. Dali a 15 minutos, ela me ligou para saber como eu estava. Aí, eu já atendi completamente fanho, com o nariz tampado. A boca e os lábios tinham inchado bastante. Era uma reação alérgica ao veneno. Minha pressão, que é alta por natureza, chegou a 19/10. Sentia o coração pulsar na testa. Então, pedi para tomar apenas um antialérgico.”

O pessoal do hospital não se conformava com a recusa em tomar o soro. A cada troca de turno, um médico queria saber quem era o paciente picado de cobra que não queria ser medicado. A história chegou até o toxinologista Arnaldo Gouveia, a quem os plantonistas pediram auxílio. O especialista já conhecia a fama de

Guilherme e tranquilizou os colegas: “Deixa o menino, ele trabalha com esses bichos e sabe o que faz”.

“Eu sabia, pela literatura científica, que em dez dias meu organismo formaria anticorpos específicos. Durante o período, meu sangue perdeu a capacidade de coagulação. Se eu tivesse qualquer acidente com hemorragia interna ou uma úlcera, poderia morrer. Então, fazia exame de sangue todos os dias para controlar a evolução do quadro. No décimo dia, exatamente, fiz o exame e o veneno estava zerado. O sangue recuperou a capacidade de coagulação, sem sequelas”, diz Guilherme.

A habilidade do biólogo em lidar com os bichos não beneficia apenas seus “hóspedes” do criadouro particular. Durante o dia, ele trabalha no zoo de Americana, cuidando de todos os detalhes a seu alcance para tornar a rotina de cativo mais saudável. Basta uma volta pelos bastidores do zoo para constatar sua popularidade entre os animais. Os hipopótamos saem da água para atender ao seu chamado e vêm comer capim de suas mãos. O macaco-prego larga o que estiver fazendo ao ouvir sua voz para se exhibir, fazendo pose e sorrindo para a câmera. O cachorro-dormado se aproxima com a confiança de um cão doméstico. E os filhotes de quati passeiam sem cerimônias sobre seus ombros.

Esse dom vem de infância, da responsabilidade delegada pelo avô no cuidado com coelhos e passarinhos que Guilherme gostava de criar. “Existia um terreno vazio ao lado da minha casa, que pertencia à vizinha de frente. Fui pedir autorização a ela para soltar meus coelhos ali, explicando que eles manteriam a vegetação cortada. Ela autorizou e em pouco tempo eu já estava criando tartaruga, galinha, codorna, porquinho-da-índia... Pegava restos de verduras num varejão próximo para dar aos animais e meu avô



Guilherme se sente em casa no zoo de sua cidade e costuma alimentar animais não muito dóceis, como tamanduá-bandeira e hipopótamo

gostava de lidar com isso também. Se eu queria ter os bichos, ele dizia, precisava tratar bem deles.”

O interesse se transformou em seis anos de trabalho voluntário no zoo da cidade, o Parque Ecológico Municipal, a partir dos 13 anos. “Eu limpava, acompanhava tratadores, veterinários, biólogos, enchia todos de perguntas, vivia catando bicho para identificar.”

Dos 13 aos 18 anos, Guilherme também acompanhou o pai em pescarias no Pantanal. “Aí, eu me realizei. Primeiro, a gente pescava tucunaré, um peixinho que fica entre as raízes dos aguapés, para usar como isca. Pegávamos um peneirão e colocávamos embaixo dos aguapés na represa do Salto Grande, em Americana. Mas vinha muita coisa diferente, como cobras d’água. Na época, ninguém sabia que eram cobras d’água porque elas eram marrons e pintadas, não eram verdes. Então, chamavam de jararacuçu-do-brejo e diziam que o veneno era fatal. Hoje, sei que eram do gênero *Helicops* e seu veneno é pouco ativo em humanos.”

Munido de botas, Guilherme esperava o pai virar as costas para capturar as cobras d’água com a mão. “Cheguei a convencer minha mãe

a deixar colocar as serpentes em uma caixa d’água de mil litros, na qual guardávamos as iscas, as tuviras”, recorda-se. “Meu avô, pai da minha mãe, teve um derrame cerebral e passou a ficar em casa, acompanhado por um enfermeiro. Um dia, ele empurrava a cadeira de rodas para dentro de casa e a cobra passou bem em frente. Minha mãe pediu para eu acabar com tudo. Comecei a virar autodidata, a buscar informações sobre os bichos. Já tinha o desejo de fazer biologia.”

Durante o curso, Guilherme definiu uma área de atuação com poucos especialistas: a de reprodução de serpentes em cativeiro, para posterior soltura na natureza ou para envio a outros criadouros, onde servirão para pesquisas, extração de veneno ou exposição e educação ambiental. Sua meta agora é trabalhar com a jararaca-ilhoa, uma serpente ameaçada de extinção, endêmica da ilha de Queimada Grande (só existe ali), no litoral paulista.

A alma de cuidador certamente pode contribuir para a conservação

CADA SERPENTE MORA EM UMA CAIXA GRANDE DE PLÁSTICO. ATÉ OS RECÉM-NASCIDOS TÊM SEU CANTINHO PARTICULAR

da jararaca-ilhoa e de outras espécies. “Já pensou se conseguimos a reprodução em cativeiro da surucucu? Muita gente tem dificuldades até em manter o bicho adulto em cativeiro, é uma espécie que precisa da luz e umidade certas. Isso não é algo que se aprende em livro, é o pulo do gato de quem tem experiência, só sabe quem vê. E eu não acho que devo guardar essas informações só para mim.”

Não deve mesmo. Tanto as peçonhentas como as demais serpentes têm seu papel na natureza e fariam enorme falta se fossem exterminadas. A manutenção de exemplares em cativeiro pode ensinar muito a quem está atento às particularidades desses bichos e se preocupa com sua conservação. **I**